

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VI, Nº 233 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2008.
VOLUME XXIII - Set/Dez
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Flávio Dutra

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - PUC-RGS
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

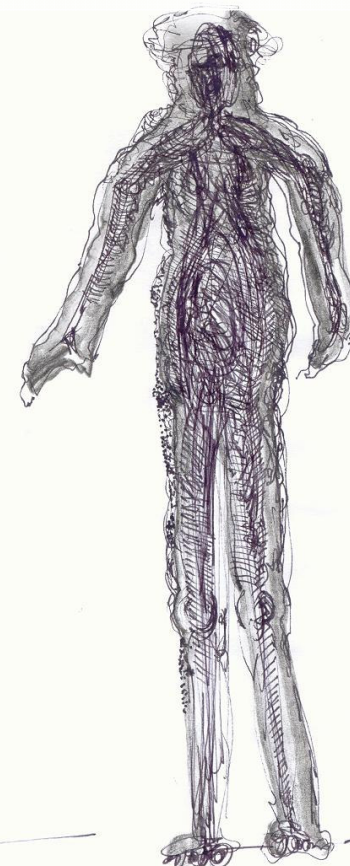
TIRAGEM 200 EXEMPLARES
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

233



BATALHA DA BORRACHA

ARIADNE ARAÚJO



ARIADNE ARAÚJO – FORTALEZA

Isto É online – dezembro de 1998.

A operação montada por Getúlio Vargas para garantir aos EUA a matéria-prima estratégica na Segunda Guerra Mundial levou à morte 30 mil nordestinos, heróis que foram esquecidos na floresta amazônica

Um exército abandonado no inferno verde – a floresta amazônica – durante a Segunda Guerra Mundial espera, há 50 anos, os direitos e a homenagem prometidos pelo governo federal. Em 1942, o presidente Getúlio Vargas recrutou a tropa para uma operação de emergência que coletaria látex para os americanos. Eram 55 mil nordestinos, 30 mil só do Ceará, que fugiam da seca em busca de riqueza e honra naquela que ficou conhecida como a Batalha da Borracha. Eles não enfrentaram alemães nem japoneses. Lutaram contra os males tropicais, a fome, a escravidão e o abandono. Uma reportagem publicada na época, pelo jornal *New Chronicle*, de Londres, já denunciava que 31 mil migrantes morreram nesse esforço para conquistar matéria-prima para o arsenal do Tio Sam. Só seis mil conseguiram voltar para casa. Os demais sobreviventes, hoje com mais de 60 anos, são reféns da miséria e moram no Acre, região que recebeu a maior parte dos alistados. Aos precursores do segundo ciclo da borracha, na época batizados de arigós, só restou uma festa. Para eles o dia do trabalho é também o dia do soldado da borracha, data em que relembram as tradições da terra natal. Durante um dia inteiro, um galpão em Rio Branco se transforma em pista de forró. Eles dançam e contam as histórias do front. Além de reclamar a recompensa que nunca veio e a aposentadoria não reconhecida, esses heróis desconhecidos gostariam de desfilar no 7 de setembro ao lado dos combatentes da FEB.

Os nordestinos arregimentados não tinham a menor idéia do que era o trabalho nos seringais. Adoeciam e morriam com facilidade. Demoravam a se acostumar à solidão e à lei da mata. O alfaiate João Rodrigues Amaro, 72 anos, se arrependeu antes de chegar. Mas já era tarde demais. Aos 17 anos ele deixou Sobral só com a passagem de ida. A Campanha da Borracha uniu o útil ao útil. Em um ano de seca, encontrou no Nordeste um exército de flagelados pronto para partir, ou melhor, fugir. Nos postos de arregimentação, um exame físico e uma ficha selavam o compromisso. Para abrigar tanta gente – às vezes mil em um único dia –, o jeito foi construir alojamentos, como a hospedaria modelo, de nome Getúlio Vargas, em Fortaleza. Lá, eles passavam a viver até o dia da viagem, sob um forte regime militar.

A missão do exército de Getúlio Vargas não era segredo para ninguém: salvar os aliados da derrota para os países do Eixo. A propaganda oficial era um chamado: a vitória dependia da reserva de látex brasileira e da força de voluntários, chamados pela imprensa e governo de soldados da borracha. Para uma operação de guerra, foi montada uma parafernália de organizações que, aliás, não se entendiam. Os americanos tinham a Board of Economic Warfare, a Reconstruction Finance Corporation, a Rubber Reserve Company, a Defense Supplies Corporation. Os brasileiros criaram o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a

Amazônia (Semta), a Superintendência para o Abastecimento do Vale da Amazônia (Sava), o Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), o Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará (Snapp). Cada um desses órgãos tinha um pedaço da responsabilidade de fazer ser um sucesso a Batalha da Borracha. O artista plástico suíço Pierre Chabloz, contratado pela Semta, era responsável pelos cartazes que incentivavam a produção de látex. Criou também mapas dos biotipos nordestinos para ajudar na seleção dos candidatos. Foram classificados em normolíneo – tipo normal com pêlos e pescoço longo; mixotipo – tronco longo e pouco volumoso, mais próximo do normal; brevilíneo – ventre avantajado e ausência de pêlos que desvalorizava o tipo; e o disgenopata – com joelhos arcados e inferioridade psíquica. Chabloz o retratou como "um débil mental".

Fama e fortuna A propaganda dirigida e veiculada nos meios de comunicação trazia promessas mirabolantes e era chamariz para os desavisados. No discurso, os voluntários para a extração da seringa eram tão importantes quantos os aviadores e marinheiros que lutavam no litoral contra a pirataria submarina ou ainda os soldados das Nações Unidas. Nas esquinas do País, retratos de seringueiros tirando ouro branco das árvores com um simples corte. "Tudo pela Vitória", "Terra da Fortuna", eram as palavras de ordem. Mas foi Getúlio Vargas, em discursos pelo rádio, que convenceu mais. "Brasileiros! A solidariedade de vossos sentimentos me dá a certeza prévia da vitória." Para garantir a adesão, se prometia um prêmio para o seringueiro campeão. O maior fabricante de borracha em um ano levaria 35 mil cruzeiros. Os voluntários ganhavam um enxoval improvisado – uma calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, um chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma caneca de flandre, um prato fundo, um talher, uma rede, uma carteira de cigarros Colomy e um saco de estopa no lugar da mala. O cearense Pedro Coelho Diniz, 72 anos, acreditou que ia ficar rico na Amazônia. Levou um chapéu de couro e a medalha de São Francisco das Chagas, mas não adiantou a fé nem a coragem de vaqueiro. O dinheiro que conseguiu deu só para voltar ao Ceará uma única vez, para rever a família.

Iam em carrocerias de caminhões, em vagões de trem de carga, na terceira classe de um navio até o Amazonas. A viagem do exército da borracha podia demorar mais de três meses, incluindo aí paradas à espera de transporte. Pior que o desconforto, só o perigo de ir a pique no meio do mar. Afinal, aqueles eram dias possíveis de ataque de submarino alemão. Para prevenir, além da companhia de caça-minas e aviões torpedeiros, os nordestinos recebiam colete salva-vidas. Em caso de naufrágio, havia nos bolsos internos uma pequena provisão de bolachas e água. Em caso de captura, uma pílula de cianureto para escapar da vergonha de uma prisão inimiga.

Males tropicais Um arigó que se preze traz cicatriz de briga com onça, flecha de índio, bala de patrão ruim e histórias de malária, febre amarela, beriberi, icterícia e ferimentos da árdua atividade na selva. Cearenses, paraibanos, pernambucanos, baianos e maranhenses aprenderam, no susto, a escapar dos perigos insuspeitáveis da floresta amazônica. Mutucas, meroins, piuns, borrachudos e carapanãs fizeram banquete dos novatos. Dos portos de desembarque, a tropa foi entregue aos padrões seringalistas. Na partilha dos grupos, novas e velhas amizades se separaram. Nada valia do que foi prometido por Getúlio Vargas: cuidados de pai e fortuna fácil. A lei era da bala, surras, ameaças, mortes. O patrão controlava a comida, a roupa, o transporte, o remédio. "Tudo ladrão, do calibre de Lampião",

diz Armédio Said Dene, 81 anos, que foi dono de cinco seringais no Acre e teve muitos arigós sob seu comando. Para ele, os soldados da borracha não mereciam confiança. Ele exercia seu comando usando a velha carabina. "Era nós ou eles." De um modo geral, era esta a maneira de o patrão tratar o seringueiro. O preconceito se fortaleceu por causa das brigas e confusões em que a tropa se envolvia. Hoje Armédio Said não tem mais produção de seringa. "Tudo perdido. Em tempos bons, comprei até apartamento no Rio de Janeiro." Quando o último ciclo da borracha acabou, levou ao chão também os planos da família Said de voltar à Síria.

O exército cativo era enviado para os seringais para extrair o máximo que pudesse de borracha. Só no ano de 1945, os arigós aumentaram o estoque de borracha natural dos aliados de 93.650 para 118.715 toneladas. Castigo para desertor era a morte. Alegria só nos fins de semana, nas festas de barracões, quando, na falta de mulher, dançava homem com homem. Lembrança para se resolver nas festas de 1º de maio. Afinal, hoje são muitas as viúvas, irmãs e filhas do exército enganado. Maria Rosa Lajes, 71 anos, chora de revolta. Ela luta pela aposentadoria de uma prima que veio com o marido numa leva de 600 pessoas do Ceará. No Acre, pelo menos 11 mil seringueiros já conseguiram o direito a dois salários mínimos, mas a falta de documentação e os anos de espera quebraram a esperança dos que sobreviveram à Batalha da Borracha.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi criada para apurar a situação dos trabalhadores enviados à Amazônia no período de 1942 a 1945. A CPI da Borracha foi dissolvida sem conclusão. O que a CPI não disse em seu relatório é que, com o fim da guerra e a fabricação da borracha sintética, a extração desvairada de látex era dispensável e os aliados não precisavam mais do Brasil, muito menos dos arigós. No Vale da Amazônia, ainda hoje há denúncias de que integrantes da nova geração de seringueiros vivem como escravos, uma herança do modelo da década de 40. Às margens do rio Paraná do Ouro, em Feijó, a 366 quilômetros de Rio Branco, mais de 300 famílias não têm roupa para vestir, utensílios para fazer fogo e são proibidos de vender a produção da borracha para outros comerciantes. A comunidade é uma das muitas que ficaram perdidas na mata quando a guerra acabou. São um pedaço do exército recrutado por Getúlio Vargas, esperando um resgate que não veio nunca. Às margens do rio Juruá, no Acre, um seringal ainda tem o nome de Fortaleza. Outras dezenas de vilarejos têm os nomes de localidades no Nordeste. Uma maneira de os soldados da borracha se sentirem em casa.

José Pereira da Silva, 64 anos, pode dizer, por exemplo, que mora em Fortaleza, a capital onde nasceu o pai dele. Hoje ele não corta mais seringa nem conseguiu a aposentadoria como soldado da borracha. Mas os vestígios da vida de soldado estão em toda parte. Em um dos quartos da palafita em que mora, às margens do rio, ele guarda as peles de onça-pintada que matou com sua espingarda nas madrugadas de retirada de látex. "Foram mais de 20. Nunca tive medo delas. A carne eu trazia para a mulher fazer a comida pros meninos." Até hoje ninguém sabe quantas pessoas e quantos são os seringais do Vale da Amazônia. A Universidade Federal do Acre (Ufac) só conseguiu mapear uma colocação (sítio dentro dos seringais). É a reserva de extrativismo Chico Mendes.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

HENRI LEFEBVRE E O RETORNO À DIALÉTICA

JOSÉ DE SOUZA MARTINS (ORG)
Editora Hucitec

RESUMO: Nos anos de perseguição e obscurantismo da ditadura, um grupo de professores e estudantes de pós-graduação começou a se reunir semanalmente no antigo Departamento de Ciências Sociais da USP em meados de 1975. Em 1988, o grupo decidiu continuar seu trabalho em um seminário, que resultou neste conjunto de artigos, cuja reflexão parte deste importante autor para o pensamento europeu do final do século XX, e fundamental para a sociologia e para a geografia humana

SUMÁRIO: As temporalidades da história na dialética de lefevre; A opressão da equivalência, as diferenças; A produção política da sociedade; O Estado e as classes sociais; A insurreição do uso; As representações e o possível; A teoria das formas em Lefebvre; O único e o homogêneo na produção do espaço; A mundialidade do espaço; A luta contra os deuses

Áreas de interesse: Geografia, Epistemologia, Filosofia, Sociologia.

Palavras-chave: marxismo, teoria crítica, filosofia.